

## TRANSCRIÇÃO - FREDERICO DUARTE IRIAS

Eu tentei trazer aqui um pouco das coisas que eu tinha no meu doutorado, as coisas que me inquietaram mais e os projetos que eu penso em desencadear aqui junto com o professor Luciano, a gente já está com um projeto aí também. Então nesse sentido coloquei como ponto de partida a tese de doutoramento, que girou em torno da questão da integração transnacional.

Em um primeiro momento, pra quem não sabe a minha tese foi sobre o complexo de madeira lá em Rondônia, e aí em um primeiro momento eu queria estudar sobre os impactos daqueles grandes projetos, o Álvaro falou aqui sobre os grandes projetos de integração urbana que estão acontecendo aqui no Rio de Janeiro, e numa perspectiva regional isso também acontece na verdade, e pra gente que é aqui do Sul, pra quem não se debruça muito sobre essas coisas, isso passa um pouco despercebido. Os projetos das hidroelétricas e das pontes, e todos esses projetos estão relacionados a IIRSA e a UNASUL, que é um projeto de integração que identifico na minha tese como integração hegemônica. Essas perspectivas do Mercosul e da IIRSA que a Iniciativa de Integração regional Sul-Americana, mais recentemente a Unasul que é a União das nações Sul-Americanas, todos esses projetos na verdade são encabeçados por instituições financeiras multilaterais que tem financiamento em vários países, então nesse sentido eu, depois de verificar o impactos, eu percebi que não queria estudar os impactos diretos daquelas obras, eu percebi que eu queria estudar a questão geopolítica que estava associada a questão da construção do Rio Madeira, já que toda bacia hidrográfica seria aberta à partir de Porto Velho em Rondônia e nessa medida o Alto Madeira seria navegável e o serviria toda a bacia hidrográfica até a cabeceira dos Andes visando mercado para o pacífico. E aí eu entendi que meu foco na verdade era a questão geopolítica, mas isso foi uma descoberta inicial, depois eu descobri que não era essa geopolítica um traço hegemônico, era mais que isso, era como os sujeitos diante desses processos, que é hegemônico, responderiam com voz diante desse projeto de integração, e nesse sentido como se poderia articular uma integração contra hegemônica.

O eixo central gira em torno do grau de integração entre os sujeitos atingidos e os desdobramentos desses grandes projetos em curso, já que esses grandes projetos observam essas populações tradicionais, as Quebradeiras de Coco de Babaçu, os quilombolas, os índios e os próprios ribeirinhos, como entraves ao progresso e ao desenvolvimento que estão chegando nesses territórios, dessa forma eu achei que a tendência é de que esse grau de integração aumente, já que não é só no Brasil que esses problemas estão ocorrendo, eles também estão ocorrendo na Bolívia e no Peru. O eixo que eu estudei no meu trabalho da IIRSA era o eixo 9 da Iniciativa de Integração Regional, e contempla os grandes projetos no Brasil, na Bolívia e no Peru, então de fato esses problemas não são particulares a situação Brasileira, são particulares também a outros países, a outras regiões. Então nesse sentido eu entendi que esse grau de integração entre os sujeitos poderiam aumentar e que essa perspectiva de integração também não pode ser unidirecional, ela não pode ser lida somente à partir do que se entende dentro das relações internacionais como *realpolitik*, que é a política que acontece entre os estados, então nesse momento eu comecei a tomar o conhecimento de que a geografia política ela não é só a geografia política da *realpolitik*, das relações internacionais e dos encontros entre os chefes de estado, na verdade a geopolítica é uma coisa mais ampla, ela passa, não sei se a gente pode dizer que é um processo de reestruturação, mas ela passa por uma abertura de visões um pouco mais pós estruturalista, que não voltam lá no estruturalismo antigo da geografia política, mas que são pós estruturalista no sentido de não ficarem presas naquela visão do Estado. Portanto eu entendi que eu poderia fazer alguma coisa entre a geografia política, dessa forma eu retirei da minha tese essa perspectiva de querer estudar os impactos diretos do Rio Madeira. Nesse sentido a hipótese central girou em torno da questão de como os sujeitos poderiam se integrar, esses sujeitos que estão sendo vistos como entraves contra o progresso, como eles poderiam se articular diante desses grandes projetos que estão tomando a paisagem da Amazônia, do Centro-Oeste, do Cerrado, dos grandes biomas brasileiros, nesse processo de expansão da fronteira. E obviamente a questão da regionalização está em volta

justamente por isso, porque me parece que o processo de reestruturação produtiva que ocorre inclusive no estado do Rio de Janeiro, daqui a pouco vou falar sobre isso associado ao meu projeto aqui na UERJ, mas esse processo de reestruturação produtiva acontece no mundo inteiro, e aqui no Brasil e na América do Sul também acontece essa reestruturação, os modelos produtivos vão se produzir. Essa forma de regionalização, que alguns economistas do BNDS estão chamando de novo desenvolvimentismo, me parece que isso é para fugir um pouco da competição do mercado globalizado, então no sentido uma maior flexibilização ambiental, uma maior flexibilização das relações de trabalho, você consegue isso com mais facilidade nessas regiões onde não estão em voga, não estão em foco os principais debates, e a Amazônia é uma dessas regiões junto com o Centro-Oeste e o Cerrado. Então essa questão da regionalização, da integração regional passa também por esse processo de regionalização que os economistas estão chamando de novo regionalismo ou regionalismo aberto, que é uma proposta que se contrapõe exatamente ao projeto lá da época dos militares, o projeto de integração nacional, em uma leitura da Comissão Econômica da América Latina e o Caribe, aquela leitura mais antiga, essa visão de integração já existia, mas era uma integração nacional, uma integração com o mercado nacional, e agora o que me parece é que os países que seguem esse modelo "Cepalino", o modelo da Comissão Econômica da América Latina e o Caribe, eles estão com uma nova perspectiva que é a perspectiva do novo desenvolvimentismo, ou do regionalismo aberto. Isso não são termos, não é uma literatura da geografia, embora como geógrafos a gente veja e trabalhe com esses conceitos, essa perspectiva vem da economia.

O primeiro capítulo da minha tese foi sobre a desintegração hegemônica, no segundo capítulo eu tive o intuito de tentar demonstrar quais são os principais agentes hegemônicos e o no terceiro capítulo o desfecho foi essa questão da geopolítica crítica e a anti-geopolítica, que é um seguimento dentro da geografia política e dentro da geopolítica, com uma visão um pouco mais pós-estruturalista, na verdade poderia até colocar no plural "geopolíticas críticas", onde possui vários estudos sobre gênero, sobre etnia, sobre

movimentos, sobre sujeitos diversos, podem ser contemplados dentro da geopolítica crítica, e essa anti-geopolítica na verdade seria essa capacidade que um sujeito tem de se articular contra esses projetos hegemônicos de integração. Nesse sentido eu produzi uma "constratenação" na verdade, que é uma integração à partir de baixo, como diz o Carlos Walter lá da UFF, uma integração que venha de baixo, feita pelos sujeitos e como eles podem se articular à partir das escalas, como eles podem fazer essa articulação. Então eu já tinha comentado, esse poder institucional que deriva dos estados é o que configura as relações internacionais, isso se chama a realpolitik que é a política entre os Estados, mas aonde é que os sujeitos entram nisso aí? O Álvaro estava falando de planejamento estratégico que é uma forma que se sobrepõe de certa forma o modelo da reforma urbana, que foi pensado depois da década de sessenta e teve uma evolução, se criou o fórum nacional de reforma urbana e alguns mecanismos dessa discussão que vinha desde a década de sessenta antes do golpe militar foram incorporados pós constituição o estatuto da cidade que é uma lei federal por exemplo, apesar de muitos problemas ele nasce dessas propostas, as leis orgânicas municipais, os planos diretores, que estão sendo superados, ou pelo menos estão sendo colocados em segundo plano em função do planejamento estratégico que é o que está angariando as medidas do mercado, mas isso é um pensamento lá daquela época e no ponto de vista regional acho que isso também acontece. O processo de regionalização, esses processos que os economistas estão chamando de novo regionalismo ou regionalismo aberto, apontam nessa perspectiva também, na medida em que eles contam com grandes investimentos de instituições financeiras multilaterais que vão financiando projetos em um único país, dessa forma esses bancos ou essas instituições financeiras cumprem esse papel no mercado de investir nessas regiões, justamente para fugir das amarras que existem nas regiões que tem mais macro concentração, então na perspectiva regional isso também acontece.

A minha perspectiva é que a geopolítica não ficasse somente associada ao que entendemos como realpolitik, essa coisa da geopolítica crítica ou as "geopolíticas críticas" abriria essa perspectiva de dar voz ao sujeito, como

acontece por exemplo no movimento zapatista e mais especificamente no caso da América Latina o indígena, que é forte e passou a ter mais protagonismo de uns tempos pra cá. A Bolívia é um grande exemplo disso, porque hoje é um Estado plurinacional, e nesse sentido não é só aquela visão burocrática do Estado que vem de cima pra baixo, mas um movimento importante de quase 80% da população boliviana ganhou voz durante a um processo democrático e hoje em dia se tem a situação de um Estado plurinacional na Bolívia, então o que esta em jogo é a disputa pelo poder do Estado também. Nesse sentido eu acho que se incorpora dentro dessa questão da geopolítica crítica a ascensão desses novos protagonistas, desses novos sujeitos que estão emergindo e estão tentando se associar diante dos problemas particulares que tem, apesar de viverem em territórios e espaços diferentes, tem o mesmo problema e à partir desses problemas eles pretendem unificar suas lutas para que não sejam colocados como entraves ou que continuem sendo colocados como entraves, ou entrem apenas nos processos de mitigação do Estado. Quando o Estado resolve fazer um grande projeto, na verdade aqueles sujeitos vão entrar apenas como entraves, e nesse sentido o Estado vai exercer o papel de mitigar esse sujeito, na verdade se eles estão articulados é possível que os movimentos e os coletivos tenham mais voz, e de uma maneira articulada consigam se emancipar tendo uma autonomia relativa em relação a esses projetos que vem de cima para baixo.

Essa questão da geopolítica partiu na verdade de uma leitura que eu estava fazendo antes do doutorado sobre três teorias, a teoria do desenvolvimento, a teoria da dependência e a teoria do sistema mundo que vai incorporar a crítica feita pela teoria da dependência na década de 60, mas em suma a teoria do desenvolvimento foi disseminada na América Latina pela Comissão Econômica para América Latina e Caribe. A teoria do desenvolvimento sempre acreditou que era possível o país se desenvolver à partir do seu modelo de industrialização e ter uma industrialização própria, isso aqui na América Latina ficou conhecido como substituição de importações, e nós apostamos no modelo industrial próprio. O que a teoria da dependência diz é que na verdade cada país dentro da divisão internacional do trabalho

desempenha um papel determinado, que não é possível dentro da divisão internacional do trabalho, num país como o Brasil por exemplo que é um exportador de commodities, se livrar dessa coisa imposta pela divisão internacional do trabalho. Então os dependentistas, são várias correntes na verdade, discutiam qual era o modelo de industrialização, como era possível industrializar o país naquela época, e aí existia dentro da economia uma discussão forte entre os dependentista e os desenvolvimentistas, o projeto que a gente tem hoje em curso no Brasil é um projeto desenvolvimentista, por isso essa matriz de grandes projetos continua devastando o nosso território. Então a teoria da dependência foi a responsável pra clarear mais pra geografia o que são os desenvolvimentos geográficos desiguais, que na verdade nada mais é que você perceber que além da lógica capitalista, essa lógica do Estado, fruto desses processos de integração hegemônica, daquela realpolitik das relações internacionais, ela em contraposta hoje em dia uma lógica territorial, ou por diferentes sujeitos que estão nesse território querendo ser protagonistas também com o Estado, então eles também estão querendo eliminar o estado mas também querem ser protagonistas. Eu acredito que a teoria do desenvolvimento desiguais pode ficar mais clara pro geógrafo à partir dessa leitura da teoria do desenvolvimento, da teoria da dependência e das críticas que os dependentistas com base marxista fazem à teoria do desenvolvimento, o próprio Celso Furtado que é um grande expoente do desenvolvimentismo, uma figura central, no final da carreira dele ele chegou ao entendimento que o modelo da CEPAL na verdade tinha seus dias contados, a pesar de termos hoje um novo desenvolvimento através dessa nova CEPAL que o BNDES propaga, mas sabemos que os problemas só se intensificaram de lá pra cá e se aprofundaram os desastres ambientais, o desastre social nas cinco regiões brasileiras, na verdade quando a fronteira se expandiu isso intensificou os problemas que já existiam lá na época dos militares e até antes dos militares. E aí eu coloco como papel fundamental essas agencias multilaterais, o BNDES eu coloco como agencia multilateral, porque não sei se foi no primeiro ou no segundo mandato do Lula, ele passou a financiar esses grandes projetos fora das fronteiras brasileiras também, mas além do BNDES eu coloco o Banco

Interamericano de Desenvolvimento que participa de vários desses grandes projetos, a Corporação Andina de Fomento que é a CAF e o Fundo de Desenvolvimento da Bacia da Prata, a CAF se eu não me engano ela opera em quatro continentes ela não opera só na América do Sul.

O meu exercício no terceiro capítulo da minha tese foi tentar me desprender um pouco desses projetos hegemônicos e nesse sentido fazer os sujeitos falarem, quem são os sujeitos que estão presentes no Complexo Madeira que integram o movimento dos atingidos por barragens, como eles estão se articulando. Nesse sentido o que eu fiz foi o levantamento de todos os encontros do MAB (Movimento dos atingidos por Barragens), na verdade esse conceito de atingido do MAB ainda não tem uma regulamentação dentro do Estado brasileiro, dessa forma entender o que seria esse atingido, porque ele contempla Quebradeiras de coco de babaçu, indígena, ribeirinho, aquelas pessoas que se sentem coagidas pelo consorcio no processo das audiências públicas antes dos empreendimentos, então ele contempla uma gama enorme de sujeitos, e nesse sentido eles são mais amplos do que uma política somente entre os estados nacionais. Como podem esses novos protagonismos ganhar voz diante dessa geopolítica hegemônica, diante desses processos de integração regional e hegemônico, que nada mais são do que integração física do território, se pensarmos no ponto de vista da integração física, da logística e da estratégia são fantásticos os projetos, mas se pensarmos em termos de integração social, de integração sociopolítica, nem sempre eles estão articulando esses países ou essas regiões. Dessa forma, tudo isso o que temos é um mosaico de novas dimensões socioespaciais e em uma gama mais complexa de forças sociopolíticas, o que ficou evidente na minha tese foi exatamente isso, essa coisa da complexidade sociopolítica e da quantidade de protagonismos que existem e que podem ganhar voz diante desse processo de integração hegemônica.

Problematizar o próprio discurso geopolítico é uma característica da geopolítica crítica, pode-se dizer que é uma visão mais pós estruturalista dessa questão da geopolítica. E as pesquisas me levaram ao interesse pelo lugar, se olharmos dentro da geografia as pesquisas que se fazem sobre a categoria de

lugar demonstram que a categoria se modificou bastante, assim como a perspectiva que se tem sobre a paisagem, sobre o próprio espaço, o território já não é só entendido como território de Estado nacional, ele tem outras dimensões também, mais subjetivas inclusive. Então todos os conceitos da geografia passaram a ser revistos por essas vertentes mais pós estruturalistas e na geografia política também nesse momento esta acontecendo.